

## Quaest: cresce na Câmara insatisfação com governo

Pesquisa aponta aumento da proporção de deputados que veem o governo Lula com chances 'baixas' de aprovar suas pautas, e dos que consideram o desempenho da gestão petista negativo. Presidência de Lira, por sua vez, é aprovada por 50%



NICOLAS KORY  
Contato: rkory@globo.com.br  
@nkory

Pesquisa realizada pela Quaest com uma amostra de 183 deputados federais revela que aumentou a proporção de integrantes da Câmara que veem o governo Lula com chances "baixas" de aprovar suas pautas no Congresso. O levantamento indica que, em relação a agosto do ano passado, subiu de 37% para 47% a taxa dos que consideram haver essa dificuldade, enquanto o percentual dos que veem chances "altas" de aprovação das agendas do governo baixou de 56% para 47% no período.

Mesmo entre deputados que se dizem governistas, aumento o percentual dos que afirmam ser baixas as chances de o Executivo aprovar suas propostas: a taxa passou de 10% para 27%. Nessa parcela, baixou de 87% para 71% os que veem boas condições de o Congresso avaliar os projetos enviados pela gestão Lula.

Pelo termômetro da Câmara, o projeto do governo tido com maior probabilidade de passar é a reforma tributária. São 58% dos deputados entrevistados que afirmaram ser "provável" que a regulamentação do pacote de alterações nas regras para cobrança de impostos no país seja aprovada. Já as medidas apontadas como mais "improváveis", dentre as que foram testadas pela Quaest, são o PL das Redes sociais (45% não acham que avança), a reforma administrativa (42%), e a PEC do Quinquênio (40%).

### RELAÇÃO ENTRE OS PODERES

Há hoje um grupo maior de deputados (43%) que consideram ruim a relação do governo com o Congresso do que aqueles que a acham positiva (33%). Os números se mantiveram estáveis em relação à pesquisa feita em agosto. Para dois terços dos membros da Câmara (64%), o governo dispensa "muita atenção do que deveria" aos parlamentares, contra 27% que consideram que a atenção dada está na medida certa e 4% que acham que até



Paulista, Lula e Lira: o projeto do governo tido com maior probabilidade de passar é a reforma tributária, enquanto o PL das Redes Sociais é o com menos chance

### O QUE PENSAM OS DEPUTADOS...

Números em %

...sobre a relação do governo com o Congresso

POSITIVO REGULAR NEGATIVO



...sobre a atenção dada pelo governo ao Congresso

NA MEDIDA CERTA EM MAIOR DO QUE DEVERIA EM MENOR DO QUE DEVERIA



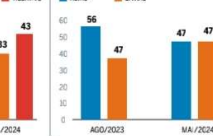
Fonte: Quaest (pesquisa com amostra de 183 deputados realizada entre 29 de abril e 20 de maio. A margem de erro é estimada em 4,3 pontos para mais ou menos)

ELABORAÇÃO: LARI

há exagero. Enquanto entre governistas e deputados declaradamente de oposição houve recuo nas taxas que indicam insatisfação com a pouca atenção dada pelo Palácio do Planalto, entre os independentes esse percentual subiu de 67% para 83%. O Planalto tem enfrentado

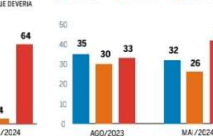
...sobre as chances de o governo aprovar suas pautas no Congresso

ALTAS BAIXAS



...sobre o desempenho do governo

POSITIVO REGULAR NEGATIVO



Apesar das críticas à Padilha, o ministro responsável pela relação do governo com o Congresso foi o mais apontado como o "interlocutor mais efetivo": 12% dos deputados entrevistados deram esse testemunho espontaneamente.

A pesquisa indica ainda que os deputados mudaram de opinião em relação aos rumos do país. Em agosto, 52% achavam que o Brasil está "na direção certa", contra 42% que pensavam o oposto. Os percentuais agora aparecem praticamente invertidos: 52% veem o Brasil na marcha a ré, e 38% acreditam que o país rumo na direção correta.

mesmo entre governistas, taxa dos que acham que as chances de aprovação são altas caiu de 87% para 71%

O termômetro dos deputados sobre as chances de aprovação de...

PROVÁVEL NÃO PROVÁVEL IMPROVÁVEL



Aprovação da gestão de Arthur Lira

POSITIVA REGULAR NEGATIVA NÃO SABE/NÃO RESPONDEU



Apesar de a maioria esperar que os interesses de Lira prevaleçam, Antonio Brito (PSD-BA), que agradeceu Planalto, foi o mais citado como possível voto na disputa pelo comando da Câmara, com 23%. Já 15% se disseram inclinados a apoiar Elmar Nascimento (União-BA), aliado de Lira; 13% declaram apoio a Marcos Pereira (Republicanos-SP), e 10% que preferem Ionaldo Bulhões (MDB-AL). Faltando nove meses para a disputa, ainda são 30% os que dizem não saber em quem votarão.

## Estudos mostram dificuldades de gestores nas urnas pós-desastres

Segundo dados, eleitor tende a mudar governantes depois de eventos

DIMITRIS DANTAS  
dimitris.dantas@ufpr.br  
@dimitrisdantas

Estudos no Brasil e no exterior mostram que eleitores de localidades que passam por desastres ambientais tendem a votar menos nas autoridades que estão no poder no momento da tragédia. Tanto em eleições nacionais quanto internacionais, há exemplos de governantes com dificuldades para se reeleger ou de eleger um sucessor relacionados à sua conduta na crise. As análises, entretanto, divergem se os eleitores recompensam ou não

medidas de prevenção adotadas por políticos.

Segundo pesquisa da Universidade Federal Fluminense (UFF) e da Fundação Getúlio Vargas (FGV), em 2020, um episódio de chuva intensa (acima de 100 mm por dia) indica uma redução de 1,8 a 3 pontos percentuais no voto do prefeito que está no cargo. No caso das chuvas da Região Serrana do Rio em 2011, por exemplo, em duas das três cidades mais atingidas, Teresópolis e Petrópolis, houve mudança no grupo político que comandava a prefeitura nas eleições do

ano seguinte, em 2012.

— Nós catalogamos dados de chuva, dados do censo sobre a infraestrutura urbana, como acesso a esgoto, vegetação, e com dados eleitorais do TSE de onde ficamos as seções eleitorais e o número de votos. Com isso foi possível fazer análise do efeito de desastres naturais sobre o voto no prefeito que está tentando a reeleição — afirma André Albuquerque, Sant'Anna, economista e professor colaborador da UFF, um dos autores do estudo.

Outros episódios que evidenciaram esse impacto elei-



Elta. Em duas das três cidades mais atingidas pelas chuvas de 2011 na Região Serrana do Rio, houve mudança no grupo político nas eleições do ano seguinte

toral ocorreram em São Paulo. Em 2004, um dos principais temas da campanha à reeleição da então prefeita da capital paulista, Marta Suplicy (PT), foram as enchentes na cidade. Em março daquele ano, a aprovação dela caiu de 32% para 22% em três meses, com o percentual de eleitores apontando os problemas da cidade indo de 5% para 15%, segundo pesquisa Datafolha realizada à época.

Elta. Em duas das três cidades mais atingidas pelas chuvas de 2011 na Região Serrana do Rio, houve mudança no grupo político nas eleições do ano seguinte

Em 2016, enchentes também atingiram cidades da Região Metropolitana de São Paulo, como Mairiporã, Francisco Morato, Itapetininga, Guarulhos e Cajamar, com 30 mortos. Nas cinco cidades houve mudança de governo na eleição.

Mas nem sempre os desastres naturais significam uma derrota eleitoral. Em março de 2020, chuvas deixaram 60 mortos na Baixada Santista, em São Paulo, atingindo

de principalmente Guarujá, Santos e São Vicente. Apenas na última cidade houve mudança no grupo que comandava a prefeitura.

Especialistas, entretanto, destacam que o resultado eleitoral não pode ser atribuído unicamente a um evento. Em 2016, por exemplo, o PT passava por sua maior crise em razão das investigações da Lava-Jato, o que levou o partido a perder prefeituras. Em 2020, a resposta à pandemia também afetou as eleições.

Os pesquisadores identificaram ainda que a punição ao governante depende também da situação de vulnerabilidade prévia do eleitor. Os dados apontaram que eleitores que já moram em locais com falta de tratamento de esgoto ou coleta de lixo, por exemplo, não apresentaram índices tão altos de punição dos governantes após tragédias.